

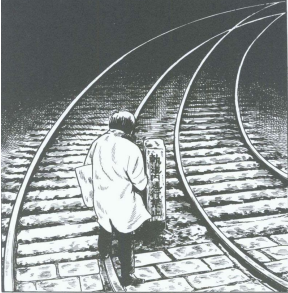
## Carta semanal 27 (2019): a religião é o suspiro dos oprimidos



### Questões únicas e singlas.

#### Situação do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

Sentado em uma cadeira de plástico na Itália, Antonio Gramsci se perguntou sobre um dilema que comunistas, como ele, enfrentaram: No Manifesto Comunista (1848), Karl Marx e Friedrich Engels escreveram: "os trabalhadores não têm nada a perder a não ser suas correntes. Eles têm um mundo a ganhar". Essas correntes não eram apenas laços materiais, mas correntes que impulsionavam aqueles que não possuíam propriedades, além de sua própria capacidade de trabalhar, de serem trabalhadores livres. Essas correntes se influenciam na mente e minam a capacidade da maioria dos seres humanos de ter uma compreensão clara de nosso mundo. Sofocles, os trabalhadores (que anteriormente eram sujeitos das instituições socialistas e comunistas) ancoraram em direção ao fascismo. Eles chegaram aos partidos fascistas não por convicção, escreveu Gramsci, mas por causa de sua consciência contraditória. Por um lado, pessoas que passam a maior parte do tempo trabalhando desenvolvem uma compreensão da "transformação prática do mundo". Essa estrutura está implícita na atividade dos trabalhadores, uma vez que o trabalhador - dado o rubro de seu tempo - é frequentemente impedido de ter uma "consciência teórica clara dessa atividade prática". Por outro lado, o trabalhador "tendo do passado e absorvendo sem crítica" um conjunto de ideias e práticas que ajudam a moldar sua forma de ver o mundo. Essa ideia e prática vêm de todos os tipos de instituições, como o aparato educacional do Estado, instituições religiosas e instituições culturais. Tais ideias herdadas não excluem a experiência prática dos trabalhadores, mas, ainda assim, moldam sua visão de mundo. É essa dualidade que Gramsci chama de "consciência contraditória". Se você aceita a afirmação de Gramsci, então a luta pela consciência - a luta ideológica - é uma necessidade material. Para gerações de trabalhadores, os sindicatos, os partidos políticos de esquerda e as formações culturais de esquerda forneceram espaços de formação para elaborar e conectar a consciência dos trabalhadores e proporcionar uma compreensão poderosa do mundo que permitisse ver como classes as correntes que tinham que ser quebradas. Ao longo dos últimos quarenta anos, por várias razões que catalogamos em nosso primeiro Documento de Trabalho, a filiação a sindicatos diminuiu, assim como os partidos políticos de esquerda. As "escolas" dos trabalhadores não estão mais disponíveis. A consciência contraditória é mais difícil de ser elaborada e é por isso que tem havido um deslocamento de trabalhadores para organizações de hierarquia social (que são fundadas de acordo com divisões sociais de religião, raça, casta e outras manifestações essencialistas).



Yoshitomo Kamekura, *Abandonar o Fôlego em Tóquio*, 1970.

Estamos em tempos difíceis, com o rumo da história favorecendo a extrema direita - incluindo as forças que dividiram nossas sociedades ao longo das hierarquias sociais, como casta e raça, nacionalidade e religião. A globalização fragmentou a vida social e criou uma situação precária em que as pessoas não têm mais certeza de como se sustentar e não podem ter vidas sociais enriquecedoras. A crise terminal da globalização veio com a crise financeira geral de 2007-2008. O agente da globalização - o neoliberalismo - assumiu o partido social democrata em todo o mundo em compromisso. O campo se abriu para uma alternativa à globalização. Por uma série de razões históricas, a esquerda entrou em uma crise financeira global profundamente enfraquecida. A extrema direita, por outro lado, está duas vezes stronger. Primeiro, não teve que criar sua identidade. Sua base foi entregue a ela pela hierarquia e divisão da história. Apenas utilizou-a a seu favor, uma das linhas de divisão sendo o pertencimento religioso. Em segundo lugar, a extrema direita não precisava abordar os problemas reais da época (desemprego estrutural e catástrofe climática), ao passo que poderia simplesmente estigmatizar o Oitavo (imigrantes, minorias religiosas) como forma de consolidar seu poder.



O Instituto Tricontinental de Pesquisa Social realizou um seminário de dois dias em Tunis (Túnia) sobre religião e política para construir uma avaliação do papel da religião no crescimento da extrema direita. No primeiro dia, pesquisadores de nossas equipes em Deli (Salim Demira e Pevlago Ambikankar), Johannesburg (Nontobeko Hela) e São Paulo (Marco Fernandes) fizeram suas apresentações sobre o papel da religião em cada um de seus contextos sociais e políticos. Adão do equipo de Brasil da Índia falaram sobre o crescimento consequente da conservadora popular através da ascensão de Hindutva (na Índia) e do pentecostalismo (no Brasil). Eles argumentaram, como observou o sindicalista marxista Agim Ahmad, que essas forças de direita foram fundadas "em um princípio entrelaçamento gramsciano de que o poder público duradouro só pode surgir com base em uma prática transformadora e conscientização cultural, e esse amplo conscientização cultural em relação à doutrina da extrema direita só podem ser construídos através de um longo processo histórico, de baixo para cima". Na África do Sul, a autoridade duradora do Congresso Nacional Africano orientada de forma secular na política, e os fracassos das igrejas em entrar de maneira decisiva na política permitiram que o país não apresentasse essas tendências. Nos outros momentos do seminário, intelectuais religiosos e acadêmicos, da Tunísia à Argélia, de Marrocos ao Sudão, apresentaram sua posição de vista sobre o papel da Irmandade Muçulmana, cujo político não alinhamento ao do RSS de extrema direita na Índia e das igrejas pentecostas no Brasil. As apresentações mostraram como a Irmandade Muçulmana - como um movimento de massa - usou seu controle sobre a educação para moldar a consciência contraditória da classe trabalhadora.



11 de Fevereiro, Protesto de Apoio às Mulheres Trabalhadoras (WTFW) promovido na Índia para o Parlamento por Chid Gav #Honor organizado pela Federação dos Trabalhadores e Aquilanto Angarwani da Índia (AIWFH). Nova Deli, fevereiro de 2019.

Nos primeiros séculos da Índia (AIWFH), há uma conexão de que a religião é o que os trabalhadores usaram como forma de obter algum conforto frente à aspersão da capitalismo. Como Marx escreveu em 1844, "o sofrimento religioso é, ao mesmo tempo, a expressão do sofrimento real e um protesto contra o sofrimento real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração e a alma de condições sem alma. É o ópio do povo". Esta é uma afirmação poderosa, que busca entender por que as pessoas buscam a religião. Hoje, no entanto, tal afirmação não nos serve. É necessário ir além. Precisamos entender como essas organizações trabalharam para construir uma consciência e pelo menos estar social respeitando por essas organizações. Precisamos de uma avaliação mais robusta do papel da religião em nossos tempos, que é o que nossa pesquisa espera produzir. Quer não se anidando a essas ideologias e instituições de hierarquia social? Comunistas instituídos do povo - incluindo sindicatos e organizações comunistas. Mas esse é um enorme desafio em nossos tempos, quando as forças socialistas estão se enfraquecendo momentaneamente. É por isso que nossos pesquisadores em Deli foram conversar com K. Hemalata, presidente da Central de Sindicatos Indianos (CTUI, sigla em inglês). Esta entrevista forma o conteúdo desta seção. A Índia responde e mobiliza os trabalhadores. Não reconhecemos fortemente que vivemos a vida momentaneamente e compartilhá-la. Hemalata chegou ao seu ponto através de sua liderança na Federação Indiana de Trabalhadores de Agricultura (Cidhata Indiani). Ela terminou a entrevista com a fé de que o vínculo é essencial - a única resposta e mobiliza os trabalhadores. Essa declaração apresenta o cenário de Godavari Parulekar, a líder comunista indiana que passou a vida construindo as células da classe trabalhadora nas fábricas e nos campos.



Uma tricontinental.org apresentação em São Paulo, 15 de Abril 2019 - *Arte de revolução será internacionalista*. Como parte da apresentação, foram exibidos pôsteres da Organização de Solidariedade aos Povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAAL) bem como pôsteres do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. Veja aqui uma amostra.



